



## NARRATIVAS ORAIS: ASPECTOS DO MARAVILHOSO PRESENTES EM ALGUNS CONTOS DA COMUNIDADE MARIA RIBEIRA

Clediane S. SANTANA<sup>1</sup> (Letras/PARFOR-UFPA)

Sandra Maria JOB (UFPA)

### Resumo

A literatura voltada para crianças tem, de acordo com os estudiosos, aspectos próprios que a caracteriza como tal. Nesse sentido estão enquadrados os contos de fadas, tão presentes no mundo da criança. Neste, por exemplo, a presença de um príncipe e de uma princesa tem sido uma constante, além de outros elementos. Neste contexto, o objetivo desse trabalho é trazer à tona tais elementos e identificá-los no conto *A varinha de condão*, extraído das narrativas orais narrados por mulheres moradoras da Comunidade Divino Espírito Santo do Quilombo Maria Ribeira. O intuito é, por um lado, ratificar a existência de uma literatura oral e, por outro, resgatar algumas das narrativas (re)contadas pelas mulheres quilombolas e/ou remanescentes desse quilombo, localizado no entorno de Gurupá-PA, para que, entre outros aspectos, esse lado da História dessa população seja preservada pela escrita. Para tanto, partimos de uma pesquisa de campo na qual foram entrevistadas duas mulheres acima de 40 anos e, posteriormente, parte-se para as análises que foram respaldadas por uma pesquisa de cunho bibliográfico (CESARANI, 2006; LOPES, 2008; PROPP, 2010). As análises comprovaram a presença na narrativa oral selecionada aspectos que remetem aos contos de fadas tradicionais.

**Palavras-chave:** Mulheres quilombolas. Literatura oral. Maravilhoso.

### INTRODUÇÃO

O grande acúmulo de informações formadas ao longo dos séculos e com a velocidade e efemeridade de bens materiais e culturais, muito da cultura de um povo tende a se perder nesse caótico mundo em que tudo é descartável, provisório. Consequentemente, o que não é escrito, registrado não sobreviverá à memória de um século que, aparentemente, tenderá a ser a-histórico.

Como a história, cultura, enfim, o passado de um povo é uma forma de a humanidade compreender melhor a si mesmo, da mesma forma que é possível aprender com o passado a como construir um futuro melhor, imortalizar, seja como for, quaisquer aspectos culturais de uma sociedade será sempre um legado de suma relevância que o presente poderá deixar para o futuro. Nesse contexto, esse trabalho visa contribuir com esse legado, visto que tem como proposta trazer à tona narrativas orais que as mulheres, em particular, (re)contavam para os seus filhos ou filhos dos seus filhos, na Comunidade Divino Espírito Santo do Quilombo Maria Ribeiro – área legalmente reconhecida como quilombo.

Essas narrativas, nitidamente de cunho infantil, assim como a literatura voltada para crianças têm aspectos próprios que as caracterizam como tal. Nesse sentido estão enquadrados os

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Letras/PARFOR da Universidade Federal do Pará. Remanescente da Comunidade Divino Espírito Santo do Quilombo Maria Ribeira. cledi100@yahoo.com.br.



contos de fadas, tão presentes no mundo da criança. Neste, por exemplo, a presença de um príncipe e de uma princesa tem sido uma constante, além de outros elementos. Neste contexto, o objetivo desse trabalho é trazer à tona tais elementos e identificá-los em um conto extraído das narrativas orais narrada por uma afrodescendente moradora da Comunidade Divino Espírito Santo do Quilombo Maria Ribeira. O intuito é, por um lado, ratificar a existência de uma literatura oral e, por outro, resgatar narrativas (re)contadas pelas mulheres quilombolas e/ou remanescentes do quilombo da Comunidade Maria Ribeiro, localizada no entorno de Gurupá-Pa, para que, entre outros aspectos, esse lado da História dessa população seja preservada pela escrita.

## 1 DO MARAVILHOSO PRESENTE NOS CONTOS DE FADA

A literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta”.

(Fernando Pessoa )

Como já é sabido, a presença do insólito, isto é, de algo fora do normal, que não é costumeiro, tem sido uma presença constante na literatura, em qualquer gênero literário. Três dos aspectos do insólito são denominados de modos literários, visto que não são considerados como gêneros literários. Estes modos literários são: o Fantástico, o Realismo Mágico e o Maravilhoso. E cada um deles, embora tragam algo de insólito, esse insólito são distintos. De maneira breve, dado o espaço aqui, o Fantástico, por exemplo, “é caracterizado por uma invasão repentina do mistério no quadro da vida real [...]”. (CASTEX, apud CESERANI, 2006, p. 46). Já o Realismo Mágico,

ele viola os padrões realistas de representação literária, ao tornar naturais os elementos sobrenaturais. Essa categoria literária se diferencia assim da ficção fantástica, que utiliza a incerteza e a ambiguidade para envolver o leitor num ambiente de mistério, inexistente no realismo mágico, em que não há hesitação, uma vez que os eventos considerados irrealis fluem naturalmente. (LOPES, 2008, p. 383).

Quanto ao Maravilhoso,

é possível afirmar que, em especial na Idade Média, o **Maravilhoso** [...] agregou os anseios e concepções de uma sociedade, cuja existência era calcada na ordenação de um mundo dividido entre o natural e o sobrenatural, sendo a última instância superior, inacessível e formadora de uma realidade que não poderia ser questionada. (*on line*, GARCÍA et al, [s.d.], [s.p.]).

E, ainda nas palavras de Garcia et al ([s.d.]),



tal impossibilidade de questionamento calca-se no fato de que a subordinação ao insólito era algo normal para a marcadamente hierarquizada sociedade medieval e, como um gênero literário, ela é reflexo do imaginário de dada época. O **Maravilhoso** construiu uma realidade na qual magos, fadas, duendes, objetos mágicos, monstros, animais imaginários, santos e demônios coexistem sem estremecimento com o homem.

Neste contexto, comprovar que uma das narrativas orais presentes na Comunidade Maria Ribeira enquadra-se no modo literário Maravilhoso é o objetivo mais abaixo.

## 2 COMUNIDADE DIVINO ESPÍRITO SANTO DO QUILOMBO MARIA RIBEIRA<sup>2</sup> E AS NARRATIVAS ORAIS: DA ORIGEM DO NOME AOS CONTOS DE FADA

Quando ouvimos relatos das contadoras de histórias da comunidade, sentimos que as mesmas sentem falta de algo e, conseqüentemente, logo vêm as indagações: o que mais as pessoas idosas de nossa comunidade sentem falta? Será dos momentos das rodas de conversa que tinham com seus pais ou avós? Não encontramos explicações exatas, mas percebe-se que está faltando algo. Será nossa atenção? Nosso respeito? E, principalmente, falta darmos o devido valor que não damos às belas histórias que as mesmas guardam como um bem precioso que lhes serviram não só como momento de lazer, mas, também com ensinamento de respeito e valores com o próximo?

Tais questionamentos foram de suma relevância para que, na primeira oportunidade, eu trouxesse à tona tais histórias. E a oportunidade chegou ao término do curso de graduação e da necessidade de um tema para o Trabalho de Conclusão de Curso. Este trabalho traz, pois, alguns dos resultados obtidos quando da pesquisa para o TCC. Aqui um dos objetivos é deixar registrado, a partir de um trabalho de resgate, uma das narrativas orais contadas por pessoas idôneas da Comunidade Maria Ribeira. Estas narrativas<sup>3</sup> já fazem parte do imaginário dos habitantes da comunidade, pois foram ouvidas pelas crianças e adolescentes, mas atualmente não se tem dado mais importância a essas histórias, visto que o “tempo de se contar histórias” vêm continuamente sendo substituído pelos aparelhos tecnológicos.

Contudo, é perceptível que as contadoras de histórias da Comunidade Divino Espírito Santo do Quilombo Maria Ribeira, as senhoras Ana Nascimento de Jesus e Margarida de

<sup>2</sup> Apesar de terem herdado de seus antepassados, as terras onde vivem e onde as gerações anteriores subsistiram à época da escravidão, as atuais famílias da comunidade Maria Ribeira só em 05 de maio de 1987 conseguiram o primeiro documento de “posse” do local, ao comprá-lo de um suposto “dono” que se dizia dono da área territorial. O título tão esperado só foi conseguido em 20 de novembro de 2000.

<sup>3</sup> Além da narrativa que será objeto de estudo, foram coletadas as seguintes narrativas: *Conde de Laio*, narrada por Ana nascimento de Jesus), e *Pescadinha* narrada por Maria Margarida Nascimento Serra Anos.

Nascimento Serra, ao retransmitirem essas experiências têm consigo um contato com o passado que marcou suas vidas. E ao solicitar que elas transmitam essas vivências é como se estivéssemos dando oportunidades para elas reviverem relatos feitos por seus ancestrais, que também passaram a fazer parte de suas vidas.

Assim como faz parte da vida da população a narrativa que explica a origem do nome da Comunidade, por exemplo. Nesse sentido, reza a história oral, de acordo com as narrativas dos moradores mais antigos, que viveu há muitos anos atrás, na Comunidade Maria Ribeira, uma senhora muito querida por todos. O nome dela era Maria Ribeira. Certo dia essa senhora adoeceu muito e veio a falecer, não se sabe ao certo o dia nem o ano em que isso ocorreu, só se sabe que foi no período de verão, período esse em que a Comunidade passava e passa até hoje por um período de seca. Por esse motivo as pessoas da comunidade tentaram sepultá-la na sede do município, mas devido ao período da seca não conseguiram. Depois de muito esforço e sacrifício, empurrando a canoa pelo igarapé, depois de certa distância, decidiram fazer o enterro na margem esquerda desse igarapé. Por tudo isso as pessoas decidiram homenageá-la dando-lhe o seu nome tanto para o igarapé como para o povoado. O igarapé cujo nome era Guajará-Açu foi substituído por Maria Ribeira.



**Figura 1:** Comunidade Divino Espírito Santo do Quilombo Maria Ribeira.

**Fonte:** Clediane Santana, 2014.

E é nesta comunidade que narrativas orais têm buscado, quase em vão, sobreviver às histórias transmitidas pela mídia – histórias estas tão provisórias. E contra isso, aparentemente, não existe mágica capaz de reverter tal quadro. Nem mesmo a *A varinha de condão*, de Ana Nascimento de Jesus.



## 2.1 A varinha de condão<sup>4</sup> por Ana Nascimento de Jesus<sup>5</sup>

Embora não seja o objetivo desse trabalho, vale observar que, em se tratando de narrativa oral, as marcas da oralidade se fazem presentes, como não poderia deixar de ser, nas marcas linguísticas *daí, né, então*, etc, que dão à narrativa um caráter de progressão, continuidade, além de ratificar a conexão com o interlocutor – aspectos importantes quando se narra uma história e que pode fazer toda a diferença entre um bom e um mau contador de histórias<sup>6</sup>. Além disso, outro aspecto relevante que se torna necessário comentar é que Propp (2010), que visava pesquisar os contos de fadas russo, é categórico ao afirmar que os contos de fada provêm de uma raiz comum. Em outras palavras, os elementos principais presentes nos contos de fada russo eram comuns a todos os demais contos de fada. Nesse sentido, no conto *A varinha de condão*, é notável também a semelhança em comum com os contos tradicionais como, por exemplo, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Branca de Neve e os Sete Anões*, *A Gata Borralheira*, por exemplo.

Com relação a *Chapeuzinho Vermelho*, a passagem no conto que lembra o mesmo está em: “– Bem, agora eu *vô puraqui*. *Vô* lá na casa das fadas, *vô* vê si elas tão aí”. Neste trecho, subentende-se que a menina mudou o caminho/direção e foi para um outro lado que não o habitual, o caminho pelo qual ela deveria seguir, tal qual a *Chapeuzinho*. E em relação à *Branca de Neve*, no trecho,

*Chegô* na casa das fadas, era *rupa* suja, vasilha suja, o *poti tava* seco, *tava* tudo *bagunçadu* o quintal sujo, *qui* elas *num* tinha tempo *di* limpar. *Agarro*, *limpô* tudinho. Pela *parti di* fora, *né*, *qui* ela *tava vendu*. *Aí* ela *ajuntô* a *rupa* *qui* *tava* suja, *lavô*, coloco pelo sol, *assiou* tudo, *incheu* água, sei *qui* ela *arrumô tudu* *gasalho*. *Aí* quando ela *terminô* muito bem, *aí* era umas três horas, a hora *qui* elas *chegava*, *né*. Elas plantavam muito legumes, arroz, feijão, jerimum, melancia.

Aqui a passagem remete ao momento em que *Branca de Neve* limpa a casa dos sete anões. As fadas, assim como os sete anões, trabalham fora. E a adaptação vai além, pois a narradora aproxima o trabalho das fadas à sua realidade local, pois, como é sabido, as mulheres quilombolas e/ou remanescentes de quilombos, na sua grande maioria, como é o caso das mulheres da Comunidade Maria Ribeira, cultivam legumes, arroz, feijão, etc para a subsistência própria e, em alguns casos, da comunidade.

<sup>4</sup> Texto na íntegra ao final do trabalho.

<sup>5</sup> Dona Ana Nascimento de Jesus tem 78 anos, é aposentada trabalhava na agricultura, não é alfabetizada e nasceu no próprio quilombo Maria Ribeira.

<sup>6</sup> De acordo com Alcoforado, “a dificuldade de transferir-se para a escrita a diversidade de signos sonoros e gestuais, que se constelam no momento da performance, leva a simplificações de entendimento e a preconceitos de julgamento, quanto ao valor poético do texto oral, quase sempre confundido com a versão transcrita do texto gravado. Por isso o transcritor precisa ter sensibilidade para perceber não apenas as variações linguísticas lexicais, morfo-sintáticas e fonéticas, mas também outros aspectos presentes no texto gravado tais como os silêncios, as pausas, os ruídos, pois tudo isso é de uma importância considerável (ALCOFORADO, 2008, p. 114). Por isso, a transcrição procurou respeitar o máximo possível do que foi gravado.



E, por fim, com *A Gata Borralheira*, quando há menção a uma varinha mágica que dá à menina tudo que ela pede, como pode ser observado abaixo:

- Minha varinha de cundão qui Deus mi deu, queru qui u sinhô mi dê um terno, um vistidu da cor du mar, com tudo as istrela, meu sapatu, meu anel, meu brincu enfim, todo u meu marteriá, e minha bua burrinha pra ir em cima.  
E aí apareceu anel, cordão, *sapatu*, *vistidu* tudo as *cuisas* qui ela precisava. Aí ela si *perparô*, si *arrumo*, *cabô* ela *mntô* na burrinha e foi *imbora*.

Há aqui também uma substituição de elementos das narrativas tradicionais, pois nestas existem carruagem, belos cavalos, por exemplo, não burricos. Ou seja, percebe-se que os elementos grandiosos – que remetem à riqueza – não existem no texto aqui. Eles são substituídos por elementos mais próximos da realidade da narradora. Isso, por um lado, pode denotar que para o narrador/contador de histórias torna-se complexo narrar sobre o que não se conhece ou sobre o que nunca se ouviu falar; por outro, pode ser um recurso estratégico utilizado pelo narrador que, ciente, ainda que de forma inconsciente, da necessidade da verossimilhança para que as histórias tenham um caráter mais real.

Mas a presença de um rei, uma madrasta invejosa (ou um anti-herói) e um final feliz vem ao encontro do conto de fada tradicional, o que torna essa literatura oral tão literatura quando às narrativas tradicionais, ainda que ela sobreviva (até o momento) apenas no plano da memória e quando transmitida oralmente. E a ratificação desse caráter literário dessas narrativas, em particular desta, faz-se necessário, pois.

A crescente desigualdade entre as classes sociais no mundo moderno determinou a associação da literatura escrita com a elite burguesa, enquanto as tradições populares foram associadas às classes de menor prestígio sócio-cultural, aos analfabetos, revestindo-se a sua produção de conotações depreciativas e, sobretudo, preconceituosas, quem sabe, talvez pelo equívoco de admitir a oralidade como improvisação por desconhecimento do peso da tradição na recriação de um texto. (ALCOFORADO, 2008, p. 11-112).

Ainda em se tratando de comparações, o humor e a ingenuidade da mesma narrar fatos cotidianos e dizeres considerados inapropriados, por exemplo quando a contadora de história diz:

- Ah, minha filha, tu vai levar um recado pra eli, que eu quero namurar cum eli.  
Bem, quando dava aquelas *hora*, *di tardi* umas três horas, ela ia *imbora*. Ela saía *du culégio* 11 horas, *essi* período, ficava brincando. *Intão* o pai chegava *i tava* tudo pronto café, e tudo aí. *Elis* *sentavo* na mesa pra *cumer*. Até a *tualha*, sabão, ela ajeitava *pro* pai. *Exi*, *i* assim fazia. E *quandu* *sentavo* na mesa ela dizia:  
- Ah, pai dela! Tenho uma cuisa pra lhi dizer.  
- Qui cuisa, filha deli. Diga logo, é negócio importante?  
- Ah, pai dela, a vizinha dissu qui quer casar cum sinhô, e num vai ser ruim cumigo.  
- Ah, minha filha, diga a ela qui si Deus quisesse qui eli tivesse mulher, num tinha tiradu a deli.  
Aí *eli* sorriu e *dissi*:



– Diga a ela qui só caso cum ela quando u galu criar denti nu cu, (*risos*). – *Purquê galu num cria denti nu cu, né. Intão elis nunca ia casar.*

São aspectos presentes, por exemplo, n<sup>o</sup> “O conto do Moleiro”, de Geoffrey Chaucer<sup>7</sup>. Ou seja, em se tratando do caráter literário, a narrativa oral exposta aqui pode ser considerada literatura oral. Disso subentende-se também que nesta comunidade há toda uma tradição literária transmitida oralmente, visto que, como já comentando anteriormente, as narrativas orais sempre foram narradas e ouvidas ali na comunidade no passado. Nesse sentido, o papel das mulheres, principais transmissoras dessa cultura, é de suma relevância para a continuidade dessa tradição até o presente momento.

Já no que tange aos aspectos que caracterizam o conto como pertencente ao modo literário classificado como Maravilho, eles são vários. Primeiro, os personagens vivem em mundo no qual existem fadas, pois como pode ser observado, a menina, andou, andou e “*Chegô na casa das fadas [...]*”, e as fadas têm o poder de alterar – para o bem e para o mal – a vida dos personagens, como fez com a vida da menina quando se fez cumprir o que elas desejaram para ela:

Aí uma *dissi*:

- Vamos fardar ela minha mana?
- Vamo. O qui tu farda?
- Eu fardo qui ela seja uma muça bunita. E tu?
- Eu fardu qui ela seje uma muça do pé gito<sup>8</sup>. E tu?
- Eu fardu qui ela teje uma estrela na testa. E tu?
- Eu fardu di quнду ela falar sair oro pela buca.

E, de acordo com Garcia et al (??) , o Maravilhoso é exatamente isso: um mundo/uma realidade onde fadas e outros seres mágicos convivem sem estranhamento por parte do homem. Ou seja, a menina em nenhum momento estranhou o fato de nas proximidades da sua casa morar fadas. Muito pelo contrário, agiu como se isso fosse normal, tanto entrou e conversou com as fadas normalmente.

Portanto, a existência das fadas e da “varinha de condão”, que poderia remeter à varinha que as fadas das historinhas tradicionais usam para apontar para as coisas e lançar a magia ou ainda poderia remeter “a lâmpada mágica de Aladim, são aspectos que fazem parte do universo do modo literário conhecido como Maravilhoso. Por isso, a narrativa oral aqui analisada pode ser enquadrada nesse modo literário sim.

<sup>7</sup> Geoffrey Chaucer foi o grande primeiro nome da literatura inglesa, segundo os críticos. Para saber mais sobre ele e sua obra: [http://www.dle.ufms.br/daniel/literature/Os\\_Contos\\_de\\_Cantuaria.pdf](http://www.dle.ufms.br/daniel/literature/Os_Contos_de_Cantuaria.pdf).

<sup>8</sup> *Gito*: pequeno



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do acima exposto, podemos concluir que no conto analisado, além de poder inseri-lo como literatura oral, dado a presença de um caráter literário no mesmo que também se encontra em textos tradicionais, também é possível caracterizá-lo como pertencente ao modo literário Maravilhoso, assim como muitos dos contos de fadas tradicionais. Desta forma, perpetuá-lo através da escrita não apenas é válido como se torna uma forma de perpetuar a cultura de uma comunidade e de valorizar o papel daquelas que têm sido as guardiãs das histórias de homens e mulheres afro-brasileiros ao longo dos séculos no Brasil.

Cabe a trabalhos futuros, já que este se encontra na sua fase inicial, trazer à tona outras narrativas e analisá-las, por exemplo, sob a concepção teórica do que se concebe como literatura oral – seja de forma comparativa às literaturas tradicionais ou não. Além disso, seria de suma relevância estudos que buscassem entender se, quando e/ou como as narrativas tradicionais cruzaram o imaginário das memórias narrativas de sujeitos que, aparentemente, nunca tiveram contato com as mesmas.

## REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Doralice F.X. Literatura oral e popular. In: **Boitató** – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. 2008. Disponível em: <<http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/8.%20Literatura%20Oral%20e%20Popular.pdf>>. Acesso em 17 dez. 2014.

CESERANI, Remo. **O fantástico**. Trad. Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

CHAUCER, Geoffrey. O conto do Moleiro. In: \_\_\_\_\_. **Os contos da Cantuária**. Disponível em: <[http://www.dle.ufms.br/daniel/literature/Os\\_Contos\\_de\\_Cantuaria.pdf](http://www.dle.ufms.br/daniel/literature/Os_Contos_de_Cantuaria.pdf)>

GARCÍA, Fávio et al. **O insólito na narrativa ficcional**: questões de gênero literário – o Maravilhoso e Fantástico. Disponível em: <[http://www.flaviogarcia.pro.br/textos/doc/o\\_inso\\_lito\\_na\\_narrativa\\_ficcional.pdf](http://www.flaviogarcia.pro.br/textos/doc/o_inso_lito_na_narrativa_ficcional.pdf)>. Acesso em: 17 dez. 2014.

LOPES, Tania Mara Antonietti. O realismo mágico em José Saramago. In: **Estudos Linguísticos**. São Paulo, dez, 2008. Disponível em: <[http://www.gel.org.br/estudos\\_linguisticos/volumes/37/EL\\_V37N3\\_39.pdf](http://www.gel.org.br/estudos_linguisticos/volumes/37/EL_V37N3_39.pdf)>. Acesso em: 17 dez. 2014.





## ANEXO 1 - A varinha de condão

Certo homem morava com sua esposa e uma filha. Com o passar do tempo, a mulher adoeceu bastante, *eli batalho* muito pela *saúdi* dela. Levava *pro* benzendor, levava *pro* puxador, mas *num tevi* jeito. *Intão* ela morreu. *Eli ficô* sozinho *cam* a filha. Bem, a *minina* era só. Foi *intão qui* ela começou uma *camaradagi cam* filha da vizinha. A vizinha *num* tinha marido, (*risos*) basta ser história... (*risos*).

Aí ela ia pra lá. Chegava *du culégio* *dexava* as *cuisa* tudo pronto, varria a casa, era uma *muça* muito *assiada*. Fazia boia, batia a *rupa*. Bom, quando ela chegava na casa da vizinha pra brincar, a mulher perguntava:

– Ah! Cadê teu pai?

– Meu pai tá trabalhando.

– Ah, minha filha, diz pro teu pai qui eu quero namurar cum eli.

Ela *arrespundia*.

– Essi negócio num é cumigo.

*Purque naqueli* tempo, *minina* de 12... 13 anos num *namurava*. Só dançava *cum* 15 anos. *Num* era dizer *qui dessi* tamaninho dessas *mininas* aí... Eita... Meu Deus *du céu*, *dançu se requebru qui* vão... Não, senhora! *Num* era assim. Ela dizia:

– Eu num sei, essi negócio di namurar é cum eli, vá prosear cum eli.

E todo dia era *aqueli* papo.

– Ah, minha filha, tu vai levar um recado pra eli, que eu quero namurar cum eli.

Bem, quando dava aquelas *hora, di tardi* umas três horas, ela ia *imbora*. Ela saía *du culégio* 11 horas, *essi* período, ficava brincando. *Intão* o pai chegava *i tava* tudo pronto café, e tudo aí. *Elis sentavo* na mesa pra *cumer*. Até a *tulha*<sup>9</sup>, sabão, ela ajeitava *pro* pai. *Exi, i* assim fazia. E quando sentavo na mesa ela dizia:

– Ah, pai dela! Tenho uma *cuisa* pra lhi dizer.

– Qui *cuisa*, filha deli. Diga logo, é negócio importante?

– Ah, pai dela, a vizinha *dissi* qui quer casar cum *sinhô*, e num vai ser ruim cumigo.

– Ah, minha filha, diga a ela qui si Deus quisessi qui eli tivesse mulher, num tinha tiradu a deli.

Aí *eli* sorriu e *dissi*:

– Diga a ela qui só caso cum ela quando u galu criar denti nu cu, (*risos*). – *Purquê galu num* cria *denti* nu cu, né. *Intão* *elis* nunca ia casar.

Bem, aí *eli* *cumeçu* a *namurar* cum ela. *Essi namuro* foi fluindo, fluindo. E quando foi um dia, *eli tava* trabalhando, *parô*, pra *dá* uma *força* e *pensu*.

– Huje eu vu *cunverssa* cum essa mulher.

Quando veio pra casa, já *truxe* ela, Aí *eli* *falô*.

<sup>9</sup> Tulha: A palavra é toalha



– Olha, filha, eu trouxe essa mulher. Ela fala qui num vai ser ruim cuntigo, vai se bua, tudu, tudu o qui você faz, ela vai fazer.

Ele tinha uma filha. Nessa *artura*, lembro, *qui* a mãe dela antes *di* morrer *dexô* uma baucula, pra ela, uma porquinha. Então ela *dissi*:

– Olha, minha filha, vô ti dexá essa baucula. Quando matari ela, tu vai vê uma varinha di cundão dentru dela, que vai ser tua vida. É pra ti viver, ela vai ti dá tudu o qui tu precisar, tá!

Ela tratava muito bem daquela baucula. Bom, aí a mulher si *emprenhu* e queria *cumer fígadu*, num sei *di* quê.

– Ah, eu tô desejando. – A mulher *dissi*. *Intão u maridu falô*:

– Ah, purquê tu num mi dissessi, qui eu tinha cumpradu nu mercado. Lá tinha muito fígadu di bui. Aí eu tinha cumpradu.

– Manda a minina i lá.

– Ah não! – *Arrespundeu* a filha dela. Ela era preguiçosa.

– Intão amanhã eu tragu. – Ele *falô*. *Qui* nada ela *quiria cumer fígadu di* porco. Se não ia perder *u filhu* dela.

– Tá, eu vu falar cum minha filha.

– Filha, tu dexa eu matar tua baucula? A sua tia tá desejando!

– Por mim, é só matar, eu num queru. – *Dissi* a filha.

Aí *eli* agarro, *matô*, *pelo*, *discartejô i* *dissi*:

– Tá, aí. Podi *cumer* e matar o teu desejo.

Daí a filha *dissi*:

– Ah, pai, eu queru só o bucho da minha porca.

Passo a mão na faca *i* foi *imbora pra bera* da praia, e abriu *u buxu*. E a varinha apareceu. *Intão* ela pediu:

– Minha varinha di cundão, eu queru qui tu mi dê tudo us meu arpeparo.

Um *vistidu lindu intão* apareceu!

Apareceu o que ela tinha pedido, então ela disse:

– Tá, não quero agora. – Ela *dissi* e *guardu* a varinha e *iscundeu* na praia na terra. E marcou com uma varinha e *dexô* lá *i* foi *imbora*. Aí ela *dissi*:

– Bem, agora eu vô *puraqui*. Vô lá na casa das fadas, vô vê si elas tão aí.

*I* foi *imbora* pela praia. Quando *chegô defronti* da casa foi, foi, foi. *Chegô* na casa das fadas, era *rupa* suja, vasilha suja, o *poti tava* seco, *tava* tudo *bagunçadu* o quintal sujo, *qui* elas *num* tinha tempo *di* limpar. *Agarro*, *limpô* tudinho. Pela *parti di* fora, né, *qui* ela *tava vendu*. Aí ela *ajuntô* a *rupa* *qui tava* suja, *lavô*, coloco pelo sol, *assiou* tudo, *incheu* água, sei *qui* ela *arrumô tudu gasalho*. Aí quando ela *terminô* muito bem, aí era umas três horas, a hora *qui* elas *chegava*, né. Elas plantavam muito legumes, arroz, feijão, jerimum, melancia. *Chegaru* cheio do bagulho, aí quem tirava melancia tirava, quem tirava jerimum tirava,

assim era. Aí *chegar*, a cachorrinha *si iscunde* atrás da porta, *i* ela também. Ela *num* latiu nada, e se *pregutar*:

– Será qui minha cachorrinha fugiu?

– Ah, minha mana! Veio uma filha di Deus fazer tantu bem pra nós.

– E é. Qual foi, minha mana, essa filha di Deus?

– Num sei, minha mana. Olha só a nossa rupa tá tudo du jeito, nosso quintal tá limpo, tudu as cuisas tão feito.

Aí uma *dissi*:

– Vamos fardar ela minha mana?

– Vamo. O qui tu farda?

– Eu fardo qui ela seja uma muça bunita. E tu?

– Eu fardu qui ela seje uma muça do pé gito<sup>10</sup>. E tu?

– Eu fardu qui ela teje uma estrela na testa. E tu?

– Eu fardu di quindu ela falar sair oro pela buca.

Aí a cachorrinha lati:

– Au, au, au, quem ti fez tantu bem tá atrás da porta.

Ah, elas puxaram ela, *abraçaru*, *bejaram*.

– Minha mana, tu num que ficar cum nós? Nós te paga bem pago teu trabalho. Fica cum nós, nós te paga pra ti fazer as cuisas pra nós.

– Minha mana – *dissi* uma fada – Vai no mercado, na padaria e compra pão pra nós, compra dos quilu di carni, dessas carni bunita, bom pra bifi, né? E vem qui é pra nós fazer uma Piracai<sup>11</sup>, rapidinhu pra nós.

A outra *pulô* foi *i* fez a compra *i* veio. *Preguntavu*:

– Tu já cumeu huji, minha mana?

– Não – *arrespundia* a minina – eu ainda num cumi nadinha.

Aí *perpararu*, e *sentaru* na mesa pra *cumer*, as quatro irmã e a *mininazinha*. E *sentaru i foru cumer*.

Elas *treminaru*, ela *ficô purali*. Já era *tardi* aí ela *dissi*:

– Ah, minhas mana! Eu já vô, a noiti já vem.

– Ora, tu podia ficar cum nós, tu tem mãe?

– Não, só tenho pai.

– Fala pru teu pai, pra ti ficar cum nós, nós te paga, compra tudo pra ti.

– Tá, eu vô falar.

Mas quando *qui* o pai *dexava*, *qui* era só ela *di* filha *qui* ele tinha. Aí foi *imbora*. Bom, aí ela *deceu* na praia, mas num *levô* a varinha *di cundão*, ela *dexô* na praia.

*Quandu* ela *chegô* o pai *dissi*:

– Poxa filha, ondi tu tava?

<sup>10</sup> Gito: pequeno

<sup>11</sup> Piracai: comida assada rápido



Toda vez ela fazia isso, *intão eli preguntava, di vez em quando eli preguntava*. E mulher também dizia:

– Ondi tua filha tá, qui num comeu nada? Purquê num vem cumer?

*Eli arrespundia:*

– Num sei pra ondi ela tá.

Aí deu as *hora* ela *chegô*

– Minha filha, vem cumer! – *Dissi* o pai.

– Eu já cumir, tô cheia.

Aí como ela *dexava* a varinha dela, e só pegava quando ia pra missa i aí ela... *Dissi qui* num queria *cumer, pegô o livru* dela i foi estudar. Daí as fadas *tinhu* colocado um *panu* na testa pra *incubrir* a *istrela*. Quando ela falava, *oro* ficava pingando, em *quarquer paragi*. Bom, aí *ficô bunita*, ela *num* era feia *mesmu*. Aí a outra *ficô cum* inveja.

– Olha, mãe, quando a fulana fala cai oro da buca dela, ela tem uma *istrela* na testa qui brilha.

A mãe *dissi:*

– Olha pergunta pra ela cumu foi pra ela ficar bunita?

Aí eles *pegaru* uma *vagazinha* e *preguntavu*.

– E, mana, cumu foi pra ti ficar bunita?

Ela *dissi:*

– Ah, é lá na casa das fadas e, aí ela pego rupa, lavô, i cuidei das cuisas lá, aí elas mi fardaru.

Aí ela *dissi:*

– Olha, mãe, foi assim.

E *contô* pra mãe.

Ela vai lá!

– Ah, minha filha, *intão* vai pra ti ficar bunita também.

Aí ela *agarro*. Quando foi *nu* outro dia ela foi. Quando *chegô* lá, as fadas já *tinhu saídu*. Aí *invés di* ela lavar, ela fez foi *imporcalhar* (*risos*). *I bagunçô* tudo. Aí ela *si iscundeu*. *Quandu* deu 4 horas, as fadas *chegar*u.

– Ah, minha mana, ontonti veio uma filha di Deus fazer tanto bem pra nós, huji já veio outra fazer tantu má.

– E é?

– Foi... Umbora farda ela?

– Bora, o qui tu farda?

– Qui ela seje uma muça mais feia du mundo. E tu?

– Qui ela tenha um chifre na testa. E tu?

– Eu fardu qui quando ela falar, sair merda pela buca. – Aí *qui* ela *ficô* feia (*risos*) – E tu?

– Eu fardu qui ela seje uma muça du pé grandi. – Pronto, aí *qui* ela *ficô* fardada, aí *qui* ela *ficô* feia, *cum aquela mustru di chifri* na testa.



Aí, a cachorrinha latiu

– Au, au, au quem ti fez tantu má tá atrás da porta.

Aí ela saiu *i* foi *imbora*. Elas, as fadas, nem *ligaru* pra ela.

– Mas, poxa vida, minha mana, aquela uma naqueli dia, veio fazer tanto bem pra nós e, huje essa veio fazer tanto má. Mas, tá bom, ela vai já dá u jeito.

Aí ela foi *imbora*. Aí elas *foru cumpra* a *cumida* delas, bem. Bom, aí quando a *minina varô cum* a mãe dela.

– Ah, filha dela, comu tu tá?

– Ah, mãe dela ... – Pó, pó, pó a bosta caiu. – Foi as fadas qui mi fardaru.

– Mas tu num fez as cuisas bem?

– Ah, eu quebrei tudu, sujei vasilha. E elas num gostaru.

A velha *dissi*:

– Olha, fulano (marido), tu vai cumpraru um panu qui é pra fazer u vistidu qui é pra dá pra fulana (filha dele), qui dumingu nós vamo na missa, qui é pra ela ir na 1ª missa e nós vamo na 2ª, tá?

Mas a *muça* tinha *muitu vistidu*. Aí ele foi *cumpro u panu*, ela *agarro* fez u *vistidu*, *tudu má custuradu*.

– Olha tá aqui u vistidu! – *Dissi* a madastra. – Qui dumingu nós vamo na missa, na primeira e tu vai na segunda.

Aí a *muça* só fez *jugar u vistidu*, *intão* a mulher *dissi*:

– Ah, ela é inxirida, ela é rebarbada.

Puxo u *vistidu cum pé i jugô* na *paredi*.

– Olha – *dissi u maridu* – num pertuba minha filha, tu *dissessi* qui ia tratá bem dela, eu só vô ficar cuntigu, purquê tu já tá prenha di mim, si não tu ia já vuar, fora di casa.

Ela *si calô*.

– Tudo bem.

*Quandu* foi *nu dumingu*, *si ajuntaru*, *muitu* bem *i foru imbora* pra missa. Aí eles *foru imbora i* ela *ficô* arrumando. Fez a merenda dela, *tomô banhu* dela bem *tumadu*, pego a varinha *i dissu*:

- Minha varinha de cundão qui Deus mi deu, queru qui u *sinhô* mi dê um terno, um vistidu da cor du mar, com tudo as *istrela*, meu sapatu, meu anel, meu brincu enfim, todo u meu *marteriá*, e minha bua *burrinha* pra ir em cima.

E aí apareceu anel, cordão, *sapatu*, *vistidu* tudo as *cuisas* qui ela precisava. Aí ela *si perparô*, *si arrumo*, *cabô* ela *muntô* na *burrinha* e foi *imbora*.

Aí as *pessuas* não *prestavu* atenção pra missa, só pra ela e diziam:

– Mas qui *muça* bunita?

Ela *dexô* a *burrinha* na *carçada* e *entrô*. Pronto! As *pessuá* *ficaru di* olho, até o padre. Uma *muça* qui eles nunca *tinhu vistu* na igreja, *qui nada*. Ela *sempri* ia *cum* pai dela, mas num ia assim, *perparada*, né?!

Bom, u rei *cumeçô* a *ulhar i dissu* aos *impregados*:



– Quando ela foi saindu nós faz um cercu pra pegá quorqué cuisa qui nós pegui. Eu vô fazer uma chamada dumingu qui vem. Chamar tudu quantu muça da cidade, purquê aquela, qui fô dona das cuisas qui nós vamo pegá, eu vô casá cum ela! – O rei *dissi*. Aí né, palavra *di* rei num *vorta* atrás.

Aí ela foi pra lá, aí quando *tava* pra terminar a missa ela saiu, *pego* a burrinha, *montô* em cima, *deceu* na *carçada* da igreja, mas *cercaru* pra todo *ladu* qui ela metia a burrinha. Eles *butavu* pra *pegá* ela, até *qui pegaru* na perna dela, *i puxaru u sapatu e ficaru*. *I* ela meteu a burrinha passo qui fussi...Ah! quando chegaru da missa, era aquela comentário qui faziam.

– Mas aquela muça bunita, nunca tinha visto, uma muça muito bunita. Bunita mesmu, qui na igreja nunca si tinha visto.

Aí a filha da mulher *dissi*:

– Pois é... – Aí a merda pó, pó, pó, pó... Caía. *Intão* na casa a mãe *dissi*:

– O rei vai fazer uma chamada pra tudu quantu é muça da cidade.

*Quando* deu *dumingu*, o pai *dissi* pra filha:

– Olha, nós *vamo* na 1ª missa *i* tu vai na 2ª, *qui u* rei vai fazer uma chamada, e nós *vamo* vê *u* rei vai chamar.

Bom, *elis* *foru* *naqueli* *dumingu*, ela num foi, *i* *dissi* :

– Olha, pai dela, ela num vai na missa, podi iri.

*I* *elis* *foru* pra lá. Quando *chegar*u, *cumentavu*:

– Ah, a princesa num foi huje na missa.

*I* *passô* a semana, *foru* *di* novo na missa. Quando *terminô* a missa, o rei *mandô* chamar *tuda* as *muças* *qui tavu* na igreja, *i* nem uma cabia, né? A ponta *du dedu*...(risos) *qui u* pé dela era gito, né? Bem, *mandô* chamar *tudas* as *muças* *i* nada, *intão* *dissi*:

– O sinhô tem uma filha, num tem?

*Eli* *dissi*:

– Sim, ela num veio ficô em casa.

– Ah, mandi chamar ela!

– Podi chamar – *dissi* o pai.

– Vai lá! – Ordenô *u* rei – Vai *di* carru purquê si ela tiver lá, é pra trazer logo.

Aí *u* rapaz *pego* *u* carru e saiu. *Chegô* lá *dissi*:

– Olha, eu vim dá um recadu qui *u* rei *mandô*, qui é pra senhora ir, chegar até lá agora.

– Tá, podi ir, ela vai só ela.

Aí ela *deceu* pra praia, *chegô* lá *tomô* *u* *banhu* dela, bem *tumadu* e aí *pego* a varinha *i* *dissi*:

– Minha varinha, *di* cundão qui Deus mi deu, si *naqueli* *dumingu* tu mi deu cuisas bunitas, huje eu queru qui redobre!

Aí pareceu novos *mudelos*. Aí ela *dissi*:

– Minha bua burrinha pra ir em cima

E saiu. Eita! Quando ela *chegô*:



– Olha qui a filha du fulanu...aí chegô. – *I dissí* ao rei:

– Prontu sinhô, u qui quer di mim?

*Eli arrespundeu:*

– Pra vê si essi sapatu num é seu.

*Aí tiraru u sapatu qui ela tava e meteru o sapato. Era dela mesmu.*

*Aí eli dissí :*

– Olha meu tio! – *Dissi u rei* – o sinhô tenha santa paciência, qui nu sábadu vai ter u pidimentu, qui eu vô mi casar cum sua filha.

*Aí despachô ela, ela muntô nu burrinhu i foi imbora. Quandu passo a semana, chegô nu sábadu, aí chegô a galera: o rei cum carru até bater di genti i outro cum bibida pra cumemurar u pidimentu da muça. Aí o pai dela chamô ela. Ela já tinha tumadu u banhu dela cedo, si vistiu, tava tudo du jeito, aí o rei pediu.*

– *Quandu fô dumingu qui vem vai ser u casamentu, eu cunvidu todo o povo pra ir nu casório.*

*Pronto! I cumemuraru, muita bibida, cumida di todos us tipus pra cumemurar u pidimentu da muça... Quandu deu 5 hora, aí foru imbora i ela ficô.*

*Quandu foi nu sábadu, eli veio buscar ela, i arranjo as mulheres pra ajeitari ela, perparô ela. Mas ela ficô iguá uma princesa...Intão ela casô com o rei, e aí acabô a história.... (risos).*

(Narradora: Ana Nascimento de Jesus)